

O SUFISMO E A ISLAMIZAÇÃO DA ÁFRICA SUBSARIANA

DIAS FARINHA

A doutrina muçulmana consagra o princípio da oração feita pelos fiéis directamente a Deus, com exclusão de intermediários, sejam sacerdotes, santos, anjos ou outras figuras tutelares dos devotos. A única intercessão (*shafâa*) admitida seria a de Maomé em relação aos seus companheiros¹. Chefe de estado e profeta, Maomé privilegiava a acção em vez da contemplação, e consagrava deveres tais como o da oração cinco vezes ao dia, o jejum do Ramadão, a peregrinação a Meca como lugar de referência da nóvel religião e a esmola legal que surgia com o valor de indeclinável laço de solidariedade social. A única exigência feita àqueles que pretendiam aderir ao novo credo era a proclamação sincera da profissão de fé (*shahâda*), resumida na fórmula “não há outra divindade a não ser Deus, Maomé é o enviado de Deus (*lâ ilâh ilâ Allâh, Muhammad rasûl Allâh*). O convertido era e continua a ser o único juiz terreno da sinceridade assumida perante a comunidade.

O rito adoptado para o desempenho fiel dos preceitos exigidos pelos “pilares” do Islão, de inspiração racionalista, não convidava a aprofundar os aspectos interiores da Fé e a motivar a aventura espiritual de uma aproximação a Deus, tal como propõem os místicos. Como religião positiva, com obrigações práticas numerosas a cumprir, o muçulmano devia procurar o bom desempenho das prescrições do Alcorão e da *Sunna*, e evitar a introspecção espiritual e a via mística, que poderia levar, em época difícil para a comunidade dos fiéis, a afastar os seus adeptos da participação activa na defesa e propagação do seu Credo.

O sufismo é o misticismo muçulmano. O termo deriva de *sûfi* que designa “uma pessoa piedosa, idealista, afastada dos bens e das honras”². Em árabe, essa orientação religiosa chama-se *tasawwuf*, palavra da mesma raiz da anterior e que parece derivar do termo *sûf*, “lã”, tecido usado por esses homens, com similitude provável com o vestuário dos monges cristãos. O misticismo não se confunde com o ascetismo, apesar de muitos místicos serem ascetas. O último termo designa uma renúncia aos prazeres

¹ Cf. M. GaudefroyDemombynes, *Les Institutions Musulmanes*, 3ª ed., Paris, 1946, pág. 56.

² G.C. Anawati e Louis Gardet, *Mystique Musulmane. Aspects et tendances. Expériences et techniques*, 2ª ed., Paris, J. Vrin, 1968, pág. 13 e n. 1.

e a tudo aquilo que possa levar ao prejuízo dos valores ou à perda das virtudes morais. A mística impõe uma experimentação pessoal dos métodos que possam conduzir o crente próximo de Deus. Trata-se, assim, de uma via (*tarîq*) ou caminho, que impõe aperfeiçoamento, estudo e contínuo ensaio dos métodos para prosseguir na senda estreita que deve conduzir ao Ser divino. A exigência de aprendizagem e de imitação originou a formação de escolas e confrarias em que os noviços (*murîd*) procuravam, junto do mestre, conhecer ou encontrar esse anelo supremo de Deus, a beatitude do conhecimento ou o sentimento dessa integração que levou al-Hallâj (início do século X) a exclaimar: *anâ al-Haqq* (eu sou Deus), e que o levaria ao cadafalso acusado de blasfêmia. O seu martírio, ocorrido em Bagdade, no ano de 922, teve uma influência decisiva na evolução do sufismo³.

Os primeiros séculos do Islão testemunharam uma dura luta entre os partidários da ortodoxia racionalista e os místicos, acusados de desvio herético, e de não participarem de maneira activa no alargamento do mundo do Islão (*dâr al-Islam*). A vida piedosa de muitos místicos, a exigência espiritual dos seus escritos e o ardor e empenho de tantos sùffis prepararam a aceitação que a comunidade muçulmana lhes concedeu.

A vida e obra de Abû Hâmîd al-Ghazzâlî (1059-1111), nascido em Tûs, na Pérsia, foi fundamental para o desenvolvimento das doutrinas sùffis. O seu exemplo de mestre, de estudioso das doutrinas judaicas e cristãs, da constância em demonstrar fidelidade ao credo muçulmano e a forma como defendeu a via do amor e do sacrifício perante Deus, outorgaram-lhe o reconhecimento da comunidade que o considera *hujjat al-Islam* ("a Prova do Islão"). Na sua obra procedeu à citação frequente de palavras de Jesus Cristo, mencionadas nos Evangelhos. Asín Palacios recolheu essas citações que revelam um conhecimento profundo do Cristianismo e de textos sagrados, como as Cartas de S. Paulo⁴.

Depois de al-Ghazzâlî, o misticismo muçulmano desenvolveu-se rapidamente no sentido erudito e na sua formulação popular. No primeiro caso, difundiu-se a mística metafísica ou gnóstica, o "monismo existencial" de Ibn CEArabî e a poesia mística⁵. Em outros ambientes, difundiu-se o Islão popular das ordens ou confrarias religiosas. Foram estas correntes religiosas que contribuíram de forma decisiva para a expansão islâmica na África subsariana.

A confraria (*tarîqa*) começava pelo ensino de um mestre, cuja reputação atraía

³ Louis Massignon estudou a vida e obra deste místico in *La Passion d'al-Hosayn Ibn Mansour al-Hallâj, martyr mystique de l'Islâm*, 2 vols., Paris Paul Geuthner, 1922.

⁴ Cf. Miguel Asín Palacios, *La espiritualidad de Algazel y su sentido cristiano*, 4 vols., Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1934-1941.

⁵ O estudo destes aspectos e a comparação com a literatura cristã levou Miguel Asín Palacios a publicar o estudo *La escatología musulmana en la Divina Comédia*; cf. a 4ª ed. que, além desta obra, inclui *História y crítica de una polémica*, Madrid, Ed. Hiperión, 1984.

um grupo mais ou menos numeroso de discípulos. Se a conjuntura era favorável e a fama do mestre aumentava, a sua doutrina e o exemplo da sua vida espalhavam-se por lugares próximos e depois, progressivamente, por outros mais afastados, aproveitando as deslocações frequentes dos muçulmanos e a necessidade do comércio. Muitos membros das confrarias tornaram-se verdadeiros missionários e obtiveram um grande número de adesões ao Islão, graças à facilidade da conversão e à ausência de fiscalização da ortodoxia da prática religiosa muçulmana.

Uma das mais influentes confrarias é a *Qâdiriyya*, fundada por Abd al-Qâdir al-Qîlânî ou al-Jîlânî, falecido em 1166 em Bagdade, onde se encontra o seu túmulo. As obras deste santo personagem são célebres pela moderação, pela piedade, pela tolerância e pela renúncia ao fanatismo religioso e político⁶. Esta confraria está espalhada por todo o mundo islâmico, de Marrocos à China. A sua acção é vasta nos países do Sahel africano.

A *Qâdiriyya* e outras confrarias acompanharam com fervor missionário a rota dos muçulmanos que a partir da Arábia, do Egipto e do Magrebe islamizaram grande parte da África subsariana. No Índico seguiram de Oman e dos portos da Arábia meridional para o território da actual Tanzânia e norte de Moçambique. A partir do sul do Egipto passaram para o Sudão e África Central. No Magrebe acompanharam as rotas caravaneiras que na mira do ouro e dos produtos tropicais atravessavam o deserto na direcção do lago Chade, do curso superior do Níger e das bacias auríferas (ouro *tiber*) do alto Senegal e alto Gâmbia⁷.

Na África oriental a expansão islâmica fez-se, predominantemente, pela via marítima e, por isso, as conversões ocorreram na zona costeira onde existia abundância de minério, enquanto que no ocidente a penetração foi terrestre, pelas pistas caravaneiras e a conversão aconteceu, sobretudo, nesses territórios. Os europeus puderam, assim, cristianizar uma parte das populações das zonas próximas do mar que não haviam recebido, ainda, o apelo à oração (*adân*) do almoedão (*muezzin*) a ritmar as horas do quotidiano muçulmano. Na Guiné-Bissau as tribos que habitam o litoral são animistas ou cristãs, enquanto que os Fulas e os Mandingas do interior foram convertidos ao Islão.

O sufismo desenvolveu-se no Magrebe e no ndalus, sobretudo depois da doutrinação de al-Ghazzâli (o "Algazel" das fontes cristãs), ou seja durante o século XI. Assim se compreende a existência das Azóias, lugares habitados pelos santos do Islão designados por *az-zawiya*, que viam chegar novos prosélitos logo que era conhecida a sua reputação.

No território português permanece a recordação toponímica desses santuários

⁶ F. M. Pareja, *Islamologie*, Beirute, Imprimerie Catholique, 1957-1963, pág. 773; Hadrat Q̄Abd al-Qâdir al-Jîlânî, *The Secret of Secrets*, int. de Tosun Bayrak, Londres, The Islamic Texts Society, 1992.

⁷ Cf. Vitorino Magalhães Godinho, *O "Mediterrâneo" saariano e as caravanas do ouro*, São Paulo, 1956.

islâmicos nas povoações designadas por Azóia. A aldeia mais ocidental da Europa, junto do cabo da Roca, é assim chamada, tal como a povoação situada junto do cabo Espichel, na península de Setúbal. Comprova-se, graças a essa localização, a procura consciente dos místicos muçulmanos de lugares ermos onde as almas se pudessem elevar na busca incessante de Deus, longe do ruído e da perturbação dos lugares habitados. Algumas vezes esses lugares eram aproveitados por outras religiões, como Santa Iria da Azóia. Subsistem, naturalmente, numerosos vestígios materiais desses pequenos santuários em muitos locais, geralmente aproveitados como ermidas cristãs, em particular no sul do país.

As Arrábidas, do termo *ar-râbita*, eram lugares de vigilância e de defesa dos inimigos, como sugere a raiz do vocábulo (*rbt*), de onde derivaram “almorávida”, “morabítimo”, “rebate”, “Rabat”, “morábito” e “marabuto”. Esses lugares resistem, igualmente, na toponímia, como a serra da Arrábida, na península de Setúbal e na zona mais ocidental do rio Douro (onde deu o nome a uma ponte, a perpetuar essa presença islâmica no ocidente ibérico (um convento muçulmano ocupava, igualmente, o cabo de S. Vicente, como refere al-Idrîsî). A prof^a Rosa Varela Gomes pôde identificar o lugar fortificado de Ibn Qasî no promontório da Arrifana, no litoral oeste algarvio.

Os santos do Islão são chamados no Magrebe e na África subsariana frequentemente por “marabutos”⁸. Este termo designa o homem santo ou o seu túmulo. Enquanto vive, os discípulos acorrem para ouvir a palavra do mestre e para serem iniciados nos “mistérios” da via (*tarîqa*) súfi. Depois de falecidos, o lugar de enterramento, geralmente de forma circular e com um pequeno vestíbulo, passa a ser centro de peregrinação onde acorrem os fiéis à procura da *baraka* (bênção) do mestre. Esse evento acontece em épocas fixas do ano e, para além dos ritos próprios da devoção dos fiéis, tais como as deambulações em volta do marabuto, coincidem festas profanas ou feiras que servem de mercado ao povo da região. O marabuto Sîdî Mussa de Aglou, no sul de Marrocos, próximo de Tiznit, é um dos mais concorridos devido ao poder da *baraka* que a piedade popular atribui ao seu patrono.

Além do termo *murâbit*, surgem outros para designar esses santos personagens, tais como *sâlih*, *waliyy* e *sîdî*⁹. Muitos deram origem a confrarias ou a ramificações de confrarias primitivas, sobretudo a partir do exemplo e da regra da *Qâdiriyya*¹⁰.

Depois da *Qâdiriyya* foram numerosas as confrarias fundadas no mundo muçulmano. A maior parte desapareceu ou conta um pequeno número de seguidores; outras merecem ser mencionadas pela implantação que conseguiram, pela dimensão

⁸ Vincent Monteil, *L'Islam Noir*, Paris, 1964, p. 121 e segs.

⁹ Cf. António Dias Farinha, “Os Marabutos e a presença portuguesa em Marrocos”, in *Colectânea de Estudos em Honra do Prof. Doutor Damião Peres*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1974, págs. 301-307.

¹⁰ V. Ioan M. Lewis, *O Islamismo ao sul do Saará*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, 1986, p. 49.

religiosa e cultural da obra produzida pelos seus aderentes ou, ainda, pela influência política e social em diversos países, em particular na África sub-saariana.

A *RifâCEiyya* foi fundada no Iraque por al-RifâCEi (falecido em 1183). Os seus membros encontram-se no Iraque, no Egipto e em vários países africanos.

A *Shâdiliyya* desenvolveu-se pela influência de CEAlî Shâdilî de Tunes (falecido em 1256), a partir dos ensinamentos de Abû Madyan de Tlemcen (Argélia).

Outras confrarias surgiram na Índia, na Pérsia, na Turquia, na Indonésia, no Afeganistão e em outros países muçulmanos desde o século XII. Na África sub-saariana outras associações obtiveram grande difusão a partir do século XVIII. A *Tijâniyya*, fundada em 1781 em CE Ayn Mahdî (Marrocos) por Ahmad ben Muhtâr al-Tijânî, que declarou que Maomé lhe tinha aparecido e ordenado criar uma nova confraria. Esta *tariqa* expandiu-se rapidamente na África Ocidental e Equatorial.

A *Sanûsiyya*, fundada pelo argelino Muhammad CEAlî al-Sanûsî nas primeiras décadas do século XIX (faleceu em 1859), conheceu uma grande difusão em África. Os seus adeptos divulgaram o Islão a partir do Egipto e da Líbia e assumiram uma grande intervenção política. Favoráveis aos Turcos durante a I Guerra Mundial, tornaram-se aliados dos Ingleses no decorrer da II Guerra Mundial. Por decisão das Nações Unidas, graças ao apoio inglês, o chefe da *Sanûsiyya* tornou-se o primeiro monarca da Líbia independente. Foi afastado pela revolução liderada pelo coronel Qadhafi.

No início do século XX, as duas principais *tariqa* da África Ocidental, a *Qâdiriyya* e a *Tijâniyya*, deram origem a novas confrarias que divergem das regras anteriores por alterações do ritual, pela capacidade dos seus chefes em organizar os crentes e pela riqueza que deriva das ofertas e quotizações dos fiéis. Assim, o *Muridismo* deve-se à pregação de um membro da tribo takrur, Ahmadu Bamba (falecido em 1927). O *Hamallismo* surgiu a partir do ensino do marabuto Muhammad ben Ahmadu ben Abd Allâh, filiado na confraria *Tijâniyya* (falecido em 1909). Anos mais tarde, o xarife Hamallah ben Muhammad ben Umar adoptou a regra do antecessor e organizou a *tariqa* a que deu o nome.

Os xarifes são considerados descendentes directos do profeta Maomé. Nessa qualidade são reverenciados nos países do Islão. A palavra "xarife" significa "nobre" e aplica-se àqueles cuja linhagem é reconhecida. As casas reais da Jordânia e de Marrocos assumem essa ascendência. Estes personagens têm uma acção decisiva em muitas crises do Islão pela *baraka* (bênção) que geralmente os muçulmanos lhe reconhecem. Dessa qualidade muitos xarifes retiraram a autoridade necessária para uma intervenção eficaz em problemas religiosos e políticos dos países do Islão¹¹.

¹¹ V. António Dias Farinha, *Os Xarifes de Marrocos (Notas sobre a Expansão Portuguesa no Norte de África)*, sep. de Estudos de História de Portugal, vol. II (Homenagem a A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Estampa, 1983.

Apesar da aceitação do sufismo por parte da ortodoxia islâmica depois da obra de al-Ghazzâli, as correntes mais rigorosas derivadas da escola hanbalita continuam a criticar e mesmo a desafiar as doutrinas místicas. Ibn Taymiya, no século XIII, atacou duramente as confrarias e por ser autor de numerosas *fatwas* (“parecer jurídico de um homem reconhecido como “mufti”, “jurisconsulto”) é um dos mais importantes teóricos do fundamentalismo islâmico, hoje representado por várias tendências, como a *wahabita* na Arábia Saudita, a *Salafiya* e a dos “Irmãos muçulmanos” oriundas do Egito. Assim, a uma tendência mais racional própria dos sunitas (ortodoxos), contrapõe-se o Islão dos “corações” onde a sensibilidade ganha terreno e se procura o caminho de uma maior comunhão com Deus, buscando no exemplo e na obra dos místicos o suplemento de sonho ou de ajuda que sirva de viático às dificuldades e dores do quotidiano. Eis as razões que levaram tantos africanos a comungarem no credo islâmico, tal como os marabutos vindos do norte lhes transmitiram.